

Análise da interação em tiras com base em interface das concepções dialógica e argumentativa de linguagem*

*Telisa Furlanetto Graeff***
*Rafael de Souza Timmermann****

Resumo

Este trabalho trata da construção do sentido dos enunciados, através de análises da interação realizada nas trocas verbais dos personagens de tiras de Calvin & Hobbes. Tais análises são estruturadas com base numa interface possível entre os preceitos das concepções dialógica e argumentativa de linguagem, proposta por Graeff e Timmermann (2014), a qual explica que o movimento realizado para dar a completude do sentido dos enunciados na concepção dialógica de linguagem (VOLOSHINOV 1926/2012), quando o autor compara o enunciado concreto a um entimema, se dá numa sequência de avaliações e percepções exteriores ao discurso verbal, cujos dados omitidos são partilhados pelos participantes de determinada interação. Esse movimento, segundo Graeff e Timmermann, apresenta muita semelhança com a construção do sentido apresentada por Ducrot (1990), na fase *Standard* Ampliada da ADL, visto que o sentido do enunciado era, então, garantido por um *topos*, uma espécie de crença comum compartilhada pelos indivíduos.

Palavras-chave

Concepção dialógica de linguagem; concepção argumentativa de linguagem; interação; tiras

Abstract

This work discusses the construction of utterances' meaning through analyses of the interaction performed throughout the verbal exchanges carried out by the characters in Calvin & Hobbes comic strips. These analyses are structured on the basis of a possible interface between the principles of dialogic and argumentative conceptions of language, proposed by Graeff and Timmermann (2014), which explains the movement performed to make the utterances' meaning complete in the dialogical conception of language (VOLOSHINOV 1926/2012). In this moment, the author compares the utterance to an enthymeme, which happens in a sequence of evaluations and perceptions that are outside the verbal speech, whose omitted data are shared by the participants of a particular interaction. This movement, according to Graeff and Timmermann, shows a very relevant resemblance with the construction of meaning presented by Ducrot (1990), in the Amplified Standard phase of the AL theory, since the meaning of the utterance was then guaranteed by a *topos*, which is a kind of common belief shared by the individuals.

Keywords

Dialogical conception of language; argumentative conception of language; interaction; comic strips

* Artigo de autores convidados para o dossiê.

** Docente no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo – UPF. Doutora em Linguística Aplicada pela PUCRS.

*** Bolsista CAPES, doutorando em Letras pela Universidade de Passo Fundo – UPF.

Introdução e percurso teórico

Tendo em vista o objetivo do trabalho, de demonstrar o movimento de construção do sentido dos enunciados em uma interface entre as concepções dialógica e argumentativa de linguagem, nesta seção discorre-se a respeito das teorias a serem utilizadas como base para o desenvolvimento do estudo, bem como a maneira pela qual o estudo é realizado na interface entre elas.

Esse artigo apresenta alguns dos resultados obtidos a partir do estudo feito no que tange à construção do sentido dos enunciados, com base em duas concepções de linguagem tomadas em paralelo e em uma interface possível entre elas, proposta por Graeff e Timmermann (2014), no artigo intitulado *O encadeamento argumentativo como doador de sentido na análise dialógica do discurso e na semântica argumentativa*, publicado na revista *Bakhtiniana*. A sequência do estudo e a aplicação da proposta de interface são demonstradas na dissertação de mestrado defendida em outubro de 2014, na Universidade de Passo Fundo (UPF), por Rafael Timmermann, sob a orientação da prof^a. Dr. Telisa Furlanetto Graeff.

A primeira subseção trata da concepção dialógica de linguagem, desenvolvida, primeiramente, pelo Círculo de Bakhtin. Neste trabalho, o foco da discussão está fundado, principalmente, nos textos de Voloshinov (2009, 2012) e Bakhtin (2011).

Na segunda subseção, dedicamos o texto aos fundamentos de Ducrot (1990) e Carel e Ducrot (2005) sobre a Teoria da Argumentação na Língua, definindo conceitos e termos básicos e necessários da teoria, assim como o seu processo de desenvolvimento, desde as fases Standard e Standard Ampliada até a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS).

Na segunda seção, o estudo pela interface entre as teorias é explicado detalhadamente, e a análise da tira é realizada. Assim, passamos aos comentários sobre as teorias.

Concepção dialógica de linguagem

A concepção dialógica de linguagem é o conjunto de ideias discutidas no início do século XIV, pelo Círculo de Bakhtin, formado por estudiosos como Bakhtin, Voloshinov e Medvedev. A base que fundamenta as ideias do grupo acerca da linguagem é desenvolvida a partir do que Voloshinov (2009) afirma sobre o sentido de um enunciado, que este não está presente nas formas verbais ou na psique individual de

uma pessoa, mas sim na realidade concreta da língua que, para ele, envolve toda a situação extraverbal que engendra os participantes da interação. Essa afirmação foi feita pelo autor (2009) a partir de uma discussão a respeito de duas correntes teórico-filosóficas acerca da linguagem: o objetivismo abstrato e o subjetivismo individualista.

O objetivismo abstrato, a primeira linha de pensamento comentada/criticada em *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (VOLOSHINOV, 2009), compreendia a língua como um sistema de normas regenciais que, para seus adeptos, dava forma à realidade. Esse sistema organizava a estrutura dos enunciados e, por isso, as normas deveriam ser imutáveis, possibilitando a classificação e o enquadramento dos enunciados, analisados isoladamente. Assim, dentre as proposições fundamentais dessa corrente, destacadas por Voloshinov (2009), há a de que o sistema linguístico seria um fator externo à consciência individual e não manteria nenhum vínculo ou, até mesmo, responsabilidade para com ela.

Já o subjetivismo individualista, a outra corrente linguístico-filosófica comentada pelo autor (2009), desconsidera a abstração formal proposta pelo objetivismo abstrato e entende que todos os componentes essenciais de um discurso são criados na consciência individual do sujeito/locutor e que essa consciência, por sua vez, é materializada em um código sígnico comum aos participantes do diálogo ou da comunidade em que a enunciação ocorre.

Após concordar com uma das premissas do subjetivismo individualista, a qual sublinha que “não se pode isolar uma forma linguística do seu conteúdo ideológico” (VOLOSHINOV, 2009, 126), o autor apresenta restrição a ela, afirmando que o conteúdo ideológico não pode ser deduzido a partir da psique individual do sujeito.

Ao apontar as falhas, tanto do objetivismo abstrato, quanto do subjetivismo individualista, Voloshinov (2009) exprime que a construção do sentido deve ser entendida na interação de locutores sócio-historicamente situados, portadores de ideologias, e que os discursos são realizados em um determinado momento. Dessa forma, o sentido só é criado a partir dos fatores extraverbais que compõem a realidade concreta da língua. Voloshinov (2012, p.105), resume:

O discurso verbal é um evento social; não é autônomo no sentido de uma quantidade linguística abstrata, nem pode ser psicologicamente derivado da consciência subjetiva do falante tida isoladamente. Portanto, tanto a abordagem linguística formal quanto a abordagem psicológica falham. A essência social e concreta do discurso verbal, que sozinha pode ser verdadeira ou falsa, banal ou distinta, necessária ou desnecessária, permanece além do que se pode ver e do alcance de

ambos pontos de vista.¹

Nesse sentido, segundo Todorov (1981, p. 67), “a matéria linguística constitui apenas uma parte do enunciado: há também uma outra parte, não-verbal, que corresponde ao contexto da enunciação”². Da mesma forma, Faraco (2011, p. 31) pontua que o discurso “não é individual, porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um ‘diálogo entre diálogos’, ou seja, porque mantém relações com outros discursos”. Em suma, em função desse entendimento da realidade concreta da língua, pode-se dizer que o dialogismo é uma filosofia da linguagem que não compreende a linguagem como um discurso falado em um determinado lugar, não relacionado com uma situação histórica e social extraverbal, pelo contrário, entende a linguagem na sua inter-relação com a enunciação (CLARK; HOLQUIST, 2008).

Assim, a língua só pode ser compreendida em uma situação real de uso, que engloba, além dos signos linguísticos, fatores alheios a estes. Então, Voloshinov (2012) sugere uma espécie de processo de construção dos sentidos e explica esse “procedimento” a partir de um exemplo simples: dois homens estão sentados no interior de um ambiente, olhando para a janela e percebem que começa a nevar novamente, quando um deles diz *Bem*. ao outro que fica em silêncio. O discurso do homem foi entendido pelo seu interlocutor, visto que, segundo Voloshinov (2012), compartilhavam de um mesmo horizonte, compreendiam a situação de um inverno que durava mais do que deveria e avaliavam negativamente a neve que caía. Nesse sentido, conforme Graeff e Timmermann (2014, p. 94),

a articulação dos fatores externos ao conteúdo verbal – os horizontes espaciais, tanto aquele mais direto, restrito, imediato, que diz respeito ao momento da enunciação, quanto o horizonte mais amplo, mediato, que reflete a relação que os participantes do enunciado possuem com os contextos sócio-histórico-ideológicos em que estão inseridos; a compreensão da situação em si e a avaliação comum do objeto ao qual se refere o enunciado, no caso, o fato de estar nevando em um início de primavera – conduz à compreensão do enunciado. A omissão verbal desses fatores, segundo Voloshinov (2012), assemelha o enunciado concreto a um entimema, entendido como um silogismo do qual se omitiu uma das premissas, que é, no entanto, conhecida e compreendida pela comunidade linguística em que a enunciação é

¹“Verbal discourse is a social event; it is not self-contained in the sense of some abstract linguistic quantity, nor can it be derived psychologically from the speaker’s subjective consciousness taken in isolation. Therefore, both the formal linguistic approach and the psychological approach equally miss the mark: The concrete, sociological essence of verbal discourse, that which alone can make it true or false, banal or distinguished, necessary or unnecessary, remains beyond the ken and reach of both these points of view.” (tradução nossa).

² “la matière linguistique ne constitue qu’une partie de l’énoncé; il existe aussi une autre partie, non verbale, qui correspond au contexte d’énonciation.” (tradução nossa).

realizada.

O enunciado, segundo as ideias discutidas pelo Círculo, possui uma função de endereçar um discurso ao interlocutor, diferentemente das palavras e orações, isto é, o enunciado é um ato de comunicação social interativo entre os sujeitos falantes. O ouvinte exerce uma função ativa e responsiva em relação ao enunciado que, ao provocar uma resposta, age sobre o enunciador inicial. De acordo com Bakhtin (2011, p. 271)

o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda a compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.

O enunciado pode ser falado ou escrito e é irrepitível. Tanto através de textos como em diálogos face-a-face, o enunciado acontece uma vez na interação social entre os participantes, contexto e os contatos dialógicos que realiza com outros textos e outros enunciados. A compreensão se dá de forma interativa e ativa, é uma resposta e uma tomada de posição diante dos enunciados e dos textos (FARACO, 2001).

Concepção argumentativa de linguagem

A Teoria da Argumentação na Língua (ADL³) entende que a língua é argumentativa, e o sentido de um enunciado não é compreendido pelo seu significado literal e nem por seu uso em um diálogo, mas sim pelo conjunto de possibilidades argumentativas preexistentes na língua.

A primeira fase da Teoria, conhecida como fase *Standard*, apresenta a noção de que as palavras portam argumentações, e o sentido é dado a partir das conclusões que um primeiro segmento (argumento) permite evocar, mostrando, assim, que a língua é capaz de explicar a ela mesma, defendendo um estudo linguístico da língua.

No entanto, Ducrot (1990) percebeu que havia uma necessidade de justificar as escolhas de conclusões, o que ocasionou a inclusão dos *topoi* (termo adaptado da retórica aristotélica), que são princípios argumentativos encontrados no mundo, um lugar comum ou uma crença que garantiria a passagem do argumento (primeiro segmento) para a conclusão (segundo segmento). Com isso, tem-se a segunda fase da teoria, a fase *Standard* Ampliada. Assim, a construção do sentido de um enunciado

³ A sigla corresponde ao nome original da teoria em francês: *Argumentation dans la langue*.

passava a ser criado a partir de três elementos: dois linguísticos (o argumento e a conclusão) e um não linguístico, o *topos* que garantiria a passagem do argumento para a conclusão.

Até então, eram considerados como conectores entre argumento e conclusão os do tipo de *portanto*. No entanto, Marion Carel (1995) percebeu a existência de outro conector, o do tipo de *mesmo assim*, cuja natureza era a mesma de *portanto*, ao estabelecer interdependência semântica entre os dois predicados conectados num encadeamento. Além disso, Carel discute o problema do acréscimo dos *topoi* na Teoria que buscava um estudo puramente linguístico. Segundo ela, a utilização do *topos* estava em desacordo com as bases estruturalistas da Teoria da Argumentação na Língua, pois, apesar de os *topoi* serem uma saída para justificar a relação entre argumento em conclusão, eles feriam a tese estruturalista proposta. Com isso, Carel e Ducrot (2005) passaram a desenvolver a tese da autora na Teoria dos Blocos Semânticos (TBS).

A TBS é a forma mais atual da ADL, sendo uma versão técnica que rechaça qualquer noção de inferência ou passagem do argumento para a conclusão, bem como exclui o *topos* como justificativa dessa passagem. Nessa fase, como se mencionou antes, é introduzida a noção de interdependência semântica entre os segmentos dos encadeamentos argumentativos. Esses encadeamentos são formados por dois predicados ligados por um conector, normativo (do tipo de *portanto*, *donc* (DC) em francês) ou transgressivo (do tipo de *mesmo assim*, *pourtant* (PT), em francês).

A argumentação, então, não é mais uma justificativa de A para a conclusão C, mas há interdependência entre os segmentos, fazendo com que cada encadeamento seja único, mesmo que parte dele esteja presente em outros encadeamentos, como, por exemplo, nos encadeamentos a seguir:

Pedro estuda muito DC é inteligente.

Pedro tem muita experiência de vida DC é inteligente.

No primeiro exemplo, destaca-se um bloco semântico que relaciona estudo e inteligência. No entanto, no segundo exemplo, o segundo predicado do encadeamento é *inteligente*, mesmo sendo idêntico ao segundo segmento do primeiro exemplo, aponta para um bloco semântico diferente, o que relaciona inteligência e experiência de vida, sem menção ao estudo.

Em vez de recorrer a explicações ou justificações externas à linguagem, a Teoria visa a estabelecer, por meio dos encadeamentos argumentativos, uma única realidade

discursiva para determinado discurso, uma vez que não são considerados sentidos denotativos ou preestabelecidos das palavras. De acordo com os autores, “a semântica estrutural implica, dessa forma, que não é possível descrever as palavras através de elementos que não sejam linguísticos. Se considerarmos que os conectores evocam interdependência, devemos admitir que os encadeamentos só têm uma realidade discursiva” (CAREL; DUCROT, 2005, p.19-20)⁴.

Ainda, é necessário considerar que a argumentação dos encadeamentos pode ser manifestada tanto de forma externa quanto interna. A argumentação externa (AE) é aquela que se dá com o próprio segmento do encadeamento, sendo à direita ou à esquerda. Por outro lado, a argumentação interna (AI) não está materialmente marcada no enunciado, pois é uma expressão próxima da realizada, uma paráfrase do discurso, um encadeamento evocado, um aspecto expresso.

Análise da interação com base em interface das concepções dialógica e argumentativa de linguagem

Fazemos, nesta seção, a exposição detalhada da proposta de interface entre as concepções dialógica e argumentativa de linguagem, no que diz respeito ao movimento de construção do sentido dos enunciados nas interações entre os personagens de tiras⁵.

Visando a mostrar o funcionamento da construção do sentido de enunciados com base na interface sugerida, partimos dos procedimentos mencionados por Voloshinov (2012). Nesse texto, o autor propõe o exemplo de uma interação realizada através do enunciado composto apenas pelo advérbio *bem*. Quanto a esse enunciado (e a qualquer outro enunciado), Voloshinov ressalta que é impossível ser analisado e/ou compreendido apenas por sua materialidade linguística, isto é, há a necessidade de que se conheçam fatores extralinguísticos para que, então, o enunciado possa ser entendido por ambos, locutor e interlocutor, no momento da enunciação. Esses fatores extralinguísticos são, segundo Voloshinov, o horizonte espacial comum, o conhecimento/compreensão comum dos interlocutores e a análise feita por eles.

Assim, apontamos que o movimento realizado para a construção do sentido tem uma base linguística e busca, exteriormente, em fatores presumidos pelos participantes

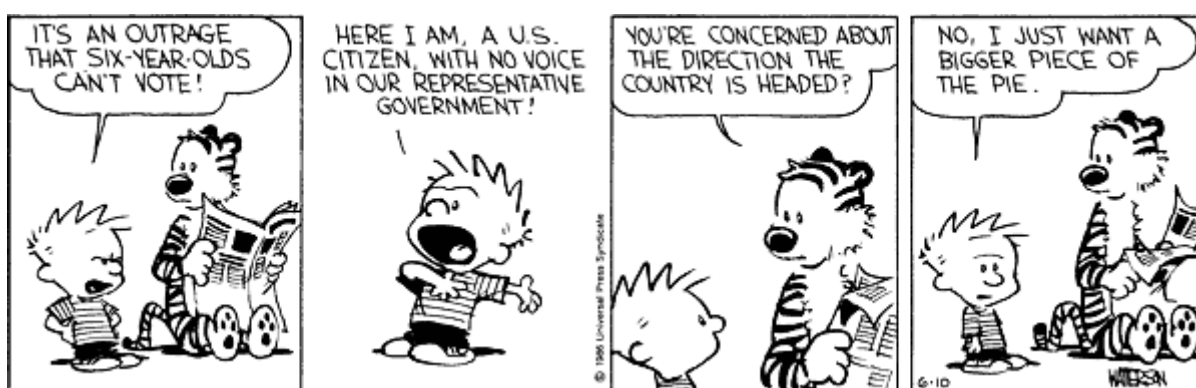
⁴ “La semántica estructural implica, en efecto, que no es posible describir las palabras a través de elementos no lingüísticos. Si consideramos que los conectores involucran interdependencia, debemos admitir que los encadeamientos solo tienen una realidad discursiva.” (tradução nossa).

⁵ Tais análises são um recorte da dissertação de mestrado *A construção do sentido dos enunciados: uma interface possível entre as concepções dialógica e argumentativa de linguagem*, elaborada por Rafael Timmermann e orientada por Telisa Graeff.

do diálogo (o que assemelha o enunciado concreto ao entimema), o sentido para as palavras, pois estas são apenas sinais de possíveis sentidos a lhes serem atribuídos (VOLOSHINOV, 2012). No enunciado, ou seja, quando conhecidos os fatores presumidos, as palavras ganham seu valor, compreendido pelos envolvidos no diálogo através de uma avaliação feita por eles, permitindo, dessa forma, uma resposta por parte do interlocutor.

Para avaliar a situação, cada personagem, que está situado sócio-historicamente, conta com os fatores referentes a determinado grupo ou comunidade a que pertence. Por isso, destacamos as situações imediata da cena e mediata de cada participante da interação, o que dá suporte à avaliação realizada pelos personagens sobre a situação. Logo após, expomos os fatores extralinguísticos presumidos em forma de topos, garantindo a conclusão dos enunciados, visto que percebemos uma grande semelhança no movimento de construção do sentido da ADL Standard Ampliada e a proposta de análise dialógica: a partir de um argumento, busca-se um *topos* exterior que garante a passagem para uma conclusão possível, já sugerida pelo argumento. Após isso, ressaltamos a interface proposta entre as concepções de linguagem e realizamos uma leitura argumentativa dos discursos apresentados, com vistas à fase atual da ADL, a TBS, sem a recorrência aos fatores extralinguísticos para a construção do sentido, e, ainda, uma discussão nossa, como leitores, da tira.

Figura 1 – Cidadão americano



Tradução livre:

Quadro 1:

Calvin: É um ultraje que crianças de seis anos não possam votar.

Quadro 2:

Calvin: Aqui estou eu, um cidadão americano, sem voz no nosso governo representativo!

Quadro 3:

Hobbes: Você está preocupado com a direção em que o país está indo?

Quadro 4:

Calvin: Não. Eu só quero um pedaço maior de torta.

A situação imediata da tira, isto é, o horizonte espacial comum dos personagens da Figura 1 (Calvin e Hobbes) é um lugar não identificável, possivelmente, a casa do menino, onde os interlocutores interagem sobre quem pode/deveria ter o direito de votar e o que se almeja com esse ato. Hobbes está lendo um jornal.

A situação mediata dos personagens é diferente e, por isso, a avaliação dada também:

- a) CALVIN: Na posição de uma criança que faz uso de um discurso adulto em relação à democracia, Calvin expressa, primeiramente, sua indignação no que diz respeito à idade mínima para votar, afirmando que uma criança de seis anos deveria ter o direito de se expressar formalmente, através do voto, visto que, para ele, todos os cidadãos americanos têm direito ao voto. Ele fala situado em um lugar de exclusão, visto que se compreende como cidadão e, mesmo assim, não tem o direito de votar. Caso lhe fosse concedido o direito ao voto, ele lutaria por sua causa, isto é, um pedaço maior de torta. Isso revela uma postura infantil em relação à democracia e ao poder de voto. Para ele, exercer a cidadania está relacionado ao voto das crianças na escola, por exemplo, para escolher a próxima brincadeira ou, ainda, como na tira, optar por mais um pedaço de torta.
- b) HOBBS: O tigre assume uma postura de adulto na situação, desde o jornal que lê (uma atitude, geralmente, atribuída aos adultos, já que crianças optam por outros tipos de leitura, como, por exemplo, histórias em quadrinhos) até a expressão do seu entendimento em relação ao “poder de voto”, que o menino desejava. Para Hobbes, uma pessoa que deseja poder votar, exercer sua cidadania, assim o faz em virtude de uma preocupação com a administração do país. É uma visão de mundo tipicamente adulta, que demonstra um certo nível de seriedade/maturidade no tratamento do tema, uma vez que foi por meio do voto e da democracia que os antepassados obtiveram seus direitos trabalhistas, por exemplo.

Com base nos discursos expressos pelos personagens da Figura 1, percebe-se que a interação acontece sobre o ato de votar e qual é o intuito que se tem ao fazer uso do voto em uma sociedade democrática, segundo o ponto de vista de uma criança e o ponto de vista de um adulto (nesse caso, o tigre de pelúcia apresenta a postura de um adulto).

Tendo em vista a primeira fala de Calvin, no primeiro quadro, podemos destacar

o seguinte encadeamento, relacionado à constatação do menino, no que diz respeito à idade mínima para votar:

é criança DC não vota

Mesmo verbalizando essa ideia de que, por ser criança, não pode votar, percebe-se sua insatisfação a esse respeito, o que nos leva a compreender que seu desejo é o encadeamento transgressivo:

é criança PT vota

Esse desejo é notado a partir do uso do vocábulo *ultraje*, cuja argumentação interna pode ser representada pelo encadeamento argumentativo *deveria ter o direito PT não lhe é concedido*. Fato que demonstra sua indignação, pois considera o fato de ser americano, ressaltando que tanto crianças quanto adultos americanos deveriam ter o direito de votar.

No segundo quadro, pode-se perceber, na fala de Calvin, que ele apela para um *topos* de um adulto para justificar seu argumento. Esse *topos* representa linguisticamente o exemplo clássico de entimema citado por Voloshinov (2012), expresso no seguinte enunciado, cujos valores presumidos são conhecidos pela comunidade linguística:

Sócrates é homem, portanto é mortal.

Os fatores presumidos, isto é, de que todos os homens são mortais e, se Sócrates é um homem, logo ele é mortal, são conhecidos e utilizados na construção do sentido do enunciado pelo interlocutor de um dado diálogo. Da mesma forma, Calvin ativa um *topos* – todos os cidadãos têm direito ao voto. – que justifica seu argumento e completa a construção do sentido do enunciado pelo seu interlocutor:

é cidadão americano PT não tem direito ao voto

A questão de que todos os cidadãos americanos possuem voz ativa na democracia exaltada pelo seu povo fica presumida, porém conhecida por Hobbes, o qual compreende que a tentativa do menino é justificada pelo *topos* de que se é cidadão americano, e ele afirma que é, deveria ter direito a uma representatividade. Quanto a isso, na tira, não há a expressão do ponto de vista de Hobbes, se concorda ou não com o fato de que uma criança deveria ter o direito de votar.

É nos dois quadros finais que se verifica a opinião diferente dos dois personagens em relação ao tema abordado na discussão, o poder de voto. O ponto de vista de Hobbes é expresso no seguinte encadeamento:

querer votar DC estar preocupado com o país

O *topos* que justifica a passagem do argumento para a conclusão, nesse caso, é *todos os votantes preocupam-se com o destino do país* e é construído a partir da situação mediata do personagem Hobbes, que fala de uma posição adulta, com seriedade em relação ao voto e, por isso, o *topos* está baseado na crença comum de que votar é um ato sério de um cidadão que demonstra preocupação com o país e com o bem-estar de seu povo.

No entanto, Calvin, ao compreender o sentido atribuído por Hobbes ao seu argumento, responde negativamente (*querer votar PT neg-preocupação com o país*), explicitando a razão pela qual deseja votar, como se representa no seguinte encadeamento:

votar DC conseguir um pedaço maior de torta

Utilizando um *topos*, comum de uma criança, de que *o exercício do voto garante benefícios ao votante*, Calvin demonstra sua preocupação consigo mesmo e entende que o voto é utilizado para benefício próprio, diferentemente de Hobbes, que compreende o voto como um ato de benefício coletivo. Dessa forma, pode-se afirmar que o sentido atribuído por cada personagem é diferente, visto que usam *topoi* diferentes como justificativas para as conclusões obtidas dos argumentos.

A Figura 1 retrata um diálogo entre Calvin e Hobbes sobre o direito de votar e sobre a função do voto, se para benefício de todos, ou se para benefício próprio. A cena acontece em um ambiente neutro, composto apenas pelos personagens e um jornal, que é supostamente lido pelo tigre.

Nos dois primeiros quadros, o menino expressa sua revolta quanto à idade mínima para votar e sobre o direito dos cidadãos americanos ao voto, visto que o país é regido como uma democracia. Dessa forma, mesmo sendo um cidadão americano, Calvin não pode votar, pois tem apenas 6 anos de idade.

Nos dois últimos quadros, é possível perceber o que cada um dos personagens pensa a respeito do voto e para qual finalidade deve ser utilizado: no penúltimo quadro, Hobbes questiona Calvin se ele está preocupado com a direção que o país estava indo; no último, Calvin responde que não, que apenas queria um pedaço maior de torta. Dessa forma, nota-se que Hobbes considera o voto para benefício do povo, com relação à situação do país, uma postura séria e adulta. Por outro lado, Calvin está preocupado apenas consigo mesmo e acredita que deve usar o voto para seu benefício, pois quer um

pedaço maior de doce.

Ao passo que se pode compreender uma posição madura de Hobbes, que entende o voto como algo sério, utilizado nas eleições, por exemplo; e que Calvin representa uma criança que quer mais torta, utilizando a “democracia” para tal; é possível notar os diferentes pontos de vista que cada um dos personagens apresenta, demonstrando, assim, sua inserção social e ideológica, o que ressalta que os signos são índices sociais de valor. Dessa forma, temos:

HOBBS: *votar DC preocupação com o coletivo*

CALVIN: *votar DC preocupação consigo mesmo*

A partir do encadeamento de Hobbes, podemos notar que ele toma uma postura democrática, de preocupação com o país, com o coletivo. Em contrapartida, o encadeamento argumentativo *votar DC preocupação consigo mesmo* mostra um caráter egocêntrico de Calvin, ou, até mesmo, oportunista, visto que, de certa forma, exige o direito de voto para que, assim, possa tirar vantagem em seu próprio benefício. Com isso, ressaltamos a presença de dois blocos semânticos diferentes, segundo a TBS: um que representa a postura de Calvin e outro que representa a de Hobbes.

O movimento de construção dos enunciados, na interface das concepções dialógica e argumentativa de linguagem é caracterizado pela semelhança metodológica em relação ao movimento de construção do sentido dos enunciados sublinhada nas duas teorias, isto é, parte-se do material linguístico que é concluído uma vez que são explicitados os elementos presumidos pelos enunciados, identificados pelos participantes da interação. Esse fato, segundo Voloshinov, assemelha o enunciado ao entimema, pois uma de suas premissas é apenas presumida e não explicitada. Segundo a ADL, quando propõe a Teoria dos *Topoi*, trata-se da *crença* ou *lugar comum*, chamada de *topos*.

Inicialmente, na Figura 1, Hobbes não compreende o ponto de vista expresso por Calvin, quando ele reclama por não ter a permissão para votar. Como mencionado anteriormente, os blocos semânticos que caracterizam cada um dos personagens são diferentes (assim como a avaliação dada por eles, segundo a concepção dialógica de linguagem, em relação ao tema, posto que possuem horizontes sociais e ideológicos mediatos diferentes; e, da mesma forma, segundo a ADL *Standard Ampliada*, a garantia de justificativa dada pelos diferentes personagens é feita através de diferentes *topoi*), fazendo com que haja divergência de opiniões. Vale destacar que o entendimento da tira

se dá no momento em que fica claro para o interlocutor-leitor que esses blocos são diferentes, após ambos, Calvin e Hobbes, verbalizarem seus pontos de vista, ou seja, para Calvin, o direito de voto e sua importância estão relacionados com a oportunidade de garantir benefícios para si mesmo, enquanto, para Hobbes, o voto, o exercício da cidadania, tem relação com a situação política do país e o rumo que tem tomado, o que demonstra uma preocupação coletiva, e não apenas consigo mesmo.

Sendo assim, o conhecimento desses dois blocos na tira, desses dois pontos de vista expressos, o humor e a reflexão/resposta são instigadas no leitor, uma vez que, a partir dessa familiarização com os sentidos atribuídos aos enunciados, o interlocutor-leitor pode construir seu próprio ponto de vista em relação ao tema e aos personagens, isto é, uma atitude responsiva, que constitui um novo acabamento aos sentidos dos discursos apresentados na interação representada na tira em questão.

Considerações Finais

Neste artigo propusemo-nos a apresentar, ainda que de forma breve, o estudo realizado sobre a construção do sentido dos enunciados, com base no estabelecimento de interface entre duas concepções de linguagem, proposta no artigo *O encadeamento argumentativo como doador de sentido na análise dialógica do discurso e na semântica argumentativa* (GRAEFF, TIMMERMANN, 2014) e aplicada na dissertação de mestrado *A construção do sentido dos enunciados: uma interface possível entre as concepções dialógica e argumentativa de linguagem*.

Tanto no artigo, como na dissertação, mostrou-se que o movimento de construção dos enunciados realizado na concepção dialógica de linguagem guarda muita semelhança com o movimento proposto por Ducrot (1990) na fase *Standard Ampliada* da Teoria da Argumentação na Língua, uma vez que a compreensão do sentido do enunciado é garantida por um princípio argumentativo (uma crença) comum e compartilhado pelos participantes do discurso.

Voloshinov (2012) trata do enunciado concreto como uma forma de entimema, cuja premissa principal não é explicitada, mas conhecida e interpretada tanto pelo locutor, quanto pelo interlocutor. Na concepção argumentativa de linguagem (na fase *Standard Ampliada*), o enunciado era compreendido como uma unidade linguística, cujo primeiro segmento (argumento) era concluído por um segundo segmento, devido à justificação que um princípio argumentativo (*topos*) reconhecido por locutor e

interlocutor lhe permitia.

Em resumo, os movimentos de construção do sentido dos enunciados, nas concepções dialógica e argumentativa (fase *Standard Ampliada*) são semelhantes, visto que se parte do linguístico, um argumento, e busca-se extralinguisticamente um princípio que garanta a conclusão. Esse princípio, para Ducrot (1990), é o *topos*, algo compartilhado pela comunidade linguística. A função desse princípio é orientar o argumento para a conclusão e, por fim, garantir o sentido do enunciado. E é com esse apoio metodológico que este trabalho procedeu nas análises, utilizando as teorias de linguagem em paralelo e na interface entre elas, mostrando, no recorte feito, que o sentido atribuído pelo locutor só é compreendido e passível de ser respondido quando é reconhecido o *topos* ou os fatores extralinguísticos presumidos no todo do enunciado.

Referências

- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- CAREL, Marion. *Pourtant: argumentation by exception*, *Journal of Pragmatics*, v. 24, p. 167-188, 1995.
- ____; DUCROT, Oswald. *La semántica argumentativa: una introducción a la teoría de los bloques semánticos*. Buenos Aires: Colihue, 2005.
- CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- DUCROT, Oswald. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1990.
- FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, Beth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes, 2001, p. 27-38.
- ____. Dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. 4 ed. Curitiba: Editora UFPR, 2011. p. 97-108.
- GRAEFF, T. F.; TIMMERMANN, R. S. O encadeamento argumentativo como doador de sentido na análise dialógica do discurso e na semântica argumentativa, *Bakhtiniana*. Revista de Estudos do Discurso, v. 9, n.1, p. 90-107, jan./jul. 2014.
- TODOROV, Tzvetan. *Mikhäil Bakhtine: le principe dialogique suivi de écrits du cercle de Bakhtine*. Paris: Seuil, 1981.
- VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- ____. Discourse in life and discourse in art: concerning sociological poetics. In: VOLOSHINOV, V. N. *Freudianism: a marxist critique*. Tradução I. R. Titunik. London: Verso, 2012. p. 151-196.